



**AUTOR(ES):** MATHEUS GABRIEL SCHNEIDER ALMEIDA

**ORIENTADOR(A):** PAULO HENRIQUE DIAS COSTA

## A ARTE SECRETA DAS MINHAS ESTÁTUAS VIVAS

### RESUMO:

A presente pesquisa tem como objeto a arte performática das estátuas vivas. Neste ofício artístico, o performer utiliza figurinos e maquiagens artísticas, fica imóvel em cima de um banco, e espera a interação dos espectadores para interagir. De maneira despreocupada, improvisada e experimental, tive minha primeira experiência de estatuísmo em 2018, na Festa do Pequi, uma festividade popular que ocorre anualmente na cidade de Montes Claros. Eu não havia realizado nenhum treinamento específico para realizar este trabalho; jovem ator, vi-me num terreno novo e inexplorado que me exigia habilidades diferentes daquelas utilizadas no Teatro que eu conhecia. Comecei a me questionar: Como eu iria fazer para sustentar minha performance e ficar parado como uma estátua? A inquietação desta performance me levou a criar outros personagens e fazer experimentos em praças, ruas movimentadas, festas e pontos turísticos. Os experimentos foram relatados em diário de bordo. Além disso, senti a necessidade de buscar outras referências para me guiar no ofício e me aprofundar teoricamente, porém não encontrei material acadêmico, pesquisas, livros, blogs, manuais ou qualquer outro aporte que me auxiliasse. A justificativa deste trabalho se faz pela escassez de materiais acadêmicos e artísticos que relevem o estatuísmo. Logo, optei por fazer uma pesquisa de cunho auto-etnográfico, propondo um trânsito de minhas experiências práticas como ponto de partida de discussão. O objetivo desta pesquisa foi compreender a arte das estátuas vivas através das teorias de André Carreira e Eugênio Barba, e apresentar os elementos primordiais da minha prática como estatuísta. Também foi de grande valia conceitos e práticas do Yoga, que dialogam de maneira muito coerente com o presente objeto de estudo. A metodologia científica utilizada foi a revisão bibliográfica e diário de bordo. A partir da conceituação teórica e reflexão autoetnográfica, cheguei a tais resultados e compreensões: a importância do treinamento psicofísico do performer, a criação de uma indumentária que cause interesse no espectador e as técnicas de produção que viabilizam as apresentações. Relevando o contexto de pandemia, compreendi que a arte das estátuas vivas é passível de acontecer com segurança e eficácia, mesmo num período de saúde pública.

**Palavras-chave:** Estátua viva, autoetnografia, teatro de invasão.